

Pressupostos educacionais oriundos da filosofia com crianças: representações de docentes e discentes

Catarina Gonçalves¹, Daniela Gonçalves^{1,2}
catarina.alexandra.goncalves@hotmail.com, dag@esepf.pt

¹ CIPAF, Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Portugal

² CEDH, Universidade Católica Portuguesa, Portugal

Resumo

A educação do século XXI sofreu diversas alterações dada a velocidade da evolução e a transformação a que a nossa sociedade está sujeita, o que naturalmente está espelhado na formação dos futuros cidadãos. Neste cenário, procuramos refletir sobre toda esta mudança e os seus efeitos, em particular como é que na arena educativa as mudanças estão associadas à necessidade de promover a personalização educativa nas salas de aula, tendo em conta dois pressupostos: reconhecer o direito à diferença e aos ritmos/estilos diferenciados de aprendizagem. Consideramos, pois, que perante tais alterações subjacentes à educação contemporânea exigem/promovem a valorização educativa do saber pensar, a partir de pressupostos epistemológicos, axiológicos e antropológicos de projetos de Filosofia com Crianças que estão devidamente articulados com os atuais normativos legais, em especial com *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. É nossa pretensão apresentar os resultados preliminares de uma investigação, enquadrada por uma abordagem qualitativa e interpretativa, realizada em contexto de prática de ensino supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico, numa instituição de ensino privada, na zona do grande Porto. Dos dados de investigação recolhidos - através da análise documental, do inquérito por entrevista (aplicado à docente de Filosofia e à docente titular de turma) e do *focus group* (dirigidos aos alunos de uma turma do segundo ano de escolaridade) - destacar-se-á o seguinte binómio: propósitos educativos da Filosofia com crianças/perceção dos docentes e dos alunos sobre o processo de aprendizagem. A comunicação, a resolução de problemas e a tomada de decisão são, sem dúvida, as competências transversais com maior relevo e impacto no processo de aprendizagem neste contexto.

Palavras-Chave: filosofia com crianças, saber pensar, processo de aprendizagem, competências transversais.

Abstract

The education in the 21st century has undergone several changes, due to the evolution speed and the transformation that our society is subject to, which is naturally reflected in the formation of future citizens. In view of this scenario, we seek to reflect on all of these changes and their effects, particularly, how in the educational arena the changes are associated with the need to promote the educational personalization in classrooms, considering two assumptions: to recognize the right to be different and the right to differentiate rhythms/ styles of learning. Therefore, we consider that such changes underlying contemporary education require/ promote an educational valuation of knowing how to think, based on epistemological, axiological and children philosophy, that are properly articulated with the current legal norms, particularly with the profile of students

leaving compulsory education. We intend to present the preliminary results of an investigation research, framed by a qualitative and interpretative approach, carried out in the context of the first cycle of basic education, in a private school of the Porto metropolitan area. From the research data collected – through documentary analysis, survey by interview (applied to the philosophy teacher and the master teacher) and the focus group (addressed to students in a second-year class) – it will stand out the following binomial: educational purposes of children philosophy/ perception of teachers and students about learning process. Communication, problem solving and decision making are undoubtedly the transversal skills with greater relief and impact on the learning process in this context.

Keywords: children philosophy, to know how to think, learning process, transversal skills.

1 Introdução

A educação do século XXI solicita que se privilegie a abordagem pela descoberta e pela criatividade/criticidade, implicando que a ação docente apresente essencialmente aos educandos um conjunto de problemas e desafios (interessantes), principalmente questões abertas e problema reais que estejam ligados ao currículo. Por outras palavras, “deve utilizar-se a realidade como fonte privilegiada de informação; questionar as concepções vulgares; criar novas propostas de interpretações científicas; fomentar a cooperação, o debate, a sinergia de recursos e enfatizar a concentração numa área de trabalho” (Xavier, 2015, p. 33). Neste cenário, na contemporaneidade o grande desafio educacional consiste em provocar os alunos com propostas de ensino que os envolvam e conduzam à tomada de decisão, beneficiando a construção do conhecimento, a autonomia, a responsabilidade, a capacidade cívica, os processos criativos e críticos. Para a tomada de decisão, é necessário averiguar previamente todas as hipóteses existentes o que, conseqüentemente, vai obrigar a que exista um processo de monitorização e, a partir daí, privilegiar a flexibilidade mental e os índices de criticidade. Aborde-se, então, a criticidade, sabe-se que se trata de um pensamento intencional, racional e dirigido para uma meta podendo a mesma ser a resolução de um problema ou uma tomada de decisão. Especificamente, trata-se do pensamento crítico, ou seja, “(...) uma forma de pensamento racional, reflexivo, focado no decidir aquilo em que acreditar ou fazer” (Ennis, citado por Vieira, 2000, p. 26). Este tipo de pensamento “envolve disposições, ou seja, atitudes ou tendências para atuar de uma maneira crítica, bem como capacidades (...)” (Vieira & Vieira, 2015, p. 36). O pensamento crítico no que toca ao estilo de ensino, “(...) permite justificar o argumento de que o estilo de ensino de cada professor/educador se deve harmonizar com o estilo crítico (...)” (Gonçalves & Moura, 2014, p. 293), pois o ensino é uma interação entre pessoas, interação essa que deve ser realizada com respeito, nunca dando mais importância às nossas ideias e valores relativamente às dos outros. Portanto, é dever dos docentes de educação tratar os alunos com respeito “(...) de forma natural e garantida, dando-lhes o direito de questionar, procurar razões e justificações para o que lhe está a ser ensinado” (Gonçalves & Moura, 2014, p. 294).

Segundo Vieira (2000), é o facto de não ser possível gerir todo o conhecimento com que nos deparamos, nem tão pouco antecipar quais os conhecimentos mais importantes e úteis para os alunos na sua vida futura. Como tal, “(...) a escola deve ser capaz de dotar os estudantes com ferramentas que lhes permitam lidar com qualquer conhecimento em qualquer contexto. Estas ferramentas passam, forçosamente, pelas capacidades de Pensamento Crítico” (Vieira, 2000, p. 18). Também Azevedo e Gonçalves (2006) defendem que o ser humano traz em si as potencialidades de reflexão crítica e aplicação

prática das virtudes morais, bastando desenvolvê-las à luz de uma orientação pedagógica adequada. “(...) Não se pretende impor algo de fora, mas antes extrair algo de dentro” (Gonçalves & Azevedo, 2006, p.103). Cabe à educação oferecer os instrumentos necessários para que, a partir do que já foi construído, os educandos possam “encontrar” novos conhecimentos, desenvolver as suas potencialidades criativas, enfrentar novos desafios, articular as informações e retirar as suas próprias conclusões. Logo, é necessária uma aprendizagem melhorada, isto é, “(...) o aluno deve aprender a pensar melhor e a pensar por si mesmo” (Gonçalves & Azevedo, 2006, p. 104).

Subjacentes aos reptos intrínsecos à educação contemporânea, preconizamos propósitos e ações educativas que promovam a valorização educativa do saber pensar, a partir de pressupostos epistemológicos, axiológicos e antropológicos, em particular projetos de Filosofia com Crianças que estão devidamente articulados com os atuais normativos legais, em especial com *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (Oliveira Martins, 2017).

Enquadrada por uma abordagem qualitativa e interpretativa de investigação, realizada em contexto de prática de ensino supervisionada em 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB), numa instituição de ensino privada, na zona do grande Porto, apresentar-se-á os resultados preliminares recolhidos - através da análise documental, do inquérito por entrevista (aplicado à docente de Filosofia e à docente titular de turma) e do *focus group* (dirigidos aos alunos de uma turma do segundo ano de escolaridade) –, tendo em conta os propósitos educativos da Filosofia com crianças, bem como a perceção dos docentes e dos alunos sobre o processo de aprendizagem.

2 Pressupostos educacionais oriundos da filosofia com crianças

Segundo Lourenço e Mendonça (2011), em Portugal, a Filosofia com Crianças surgiu nos finais dos anos 80, e a sua operacionalização em contexto escolar tem vindo a aumentar significativamente. Questiona-se: “afinal o que é isto de Filosofia com Crianças? Para que serve?”.

A contemporaneidade caracteriza-se por ser um tempo de expectativas, de incertezas e de indecisões que nos levam a um mundo bastante apressado, em constante(s) crise(s), mudanças e evoluções repentinas, ou seja,

(...) a sociedade enfrenta atualmente novos desafios, decorrentes de uma globalização e desenvolvimento tecnológico em aceleração, tendo a escola de preparar os alunos, que serão jovens e adultos em 2030, para empregos ainda não criados, para tecnologias ainda não inventadas, para a resolução de problemas que ainda se desconhecem (Decreto-Lei n.º 55/2018, p. 2928).

Importa salientar que todo este progresso da sociedade resulta do desenvolvimento da capacidade de reflexão dos seus cidadãos e, por isso, convém assegurar o futuro, educando para o pensar. Saber pensar bem implica que o ser humano questione e coloque tudo em dúvida já que “a filosofia começa onde as coisas já não são claras, onde o que para todos era evidente deixa de o ser” (Reboul, citado por Guedes & Rego, 2012, p. 5).

A filosofia com crianças assenta nesta sabedoria, no questionamento e na dúvida sobre a realidade. A filosofia assumida como um exercício livre do pensamento, da reflexão, da (des)construção, da crítica, de combate ao conformismo. Ora, se a missão da filosofia é

formar o espírito crítico e criativo então deve ser interrogativa e não dogmática (Guedes & Rego, 2012, p. 3).

Ensinar deve ser um ato realizado de uma forma ativa e consciente, existindo sempre uma atitude repleta de curiosidade e dúvida, bem como “(...) todo ato educativo pressupõe um certo nível de reflexividade, de consciencialização progressiva num processo intersubjetivo e dialógico. Deste modo, o próprio processo educativo na sua radicalidade e autenticidade mobiliza uma reflexão que vai progressivamente assumindo contornos filosóficos” (Medeiros citado por Guedes & Rego, 2012, p. 4). Conclui-se então que existem, naturalmente, traços complexos e verdadeiros da atitude filosófica na atitude educativa, onde o aluno (tal como a filosofia) maravilha-se “(...) diante das possibilidades, o fazer-se perguntas constantemente, o interrogar-se sobre o óbvio, a busca e a abertura a novidades, entre outras” (Lima, 2011, p. 20). É neste sentido que os pressupostos educacionais hodiernos se conectam com a interrogação, sendo esta a razão impulsionadora para que o aluno aprenda a “pensar bem”, a conhecer e agir num mundo em constante mudança.

Ora, a filosofia com crianças permite que os educadores e educandos em cooperação, numa comunidade de investigação, pensem de uma forma autónoma sobre as suas vidas e práticas, “(...) ampliando o universo cultural através do diálogo investigativo (Gonçalves & Azevedo, 2006, p. 106). Consideramos, pois, que esta forma de educar deve ser iniciada desde cedo, particularmente, no 1.º CEB - “(...) nos alunos o desenvolvimento de competências de pesquisa, avaliação, reflexão, mobilização crítica e autonomia de informação, com vista à resolução de problemas e ao reforço da sua autoestima e bem-estar” (Decreto-Lei n.º 55/2018, p. 2929). Realce-se ainda que a filosofia com crianças tem

(...) uma importância capital dentro do quadro educativo, promulgando em si uma tendência especial para romper com a educação para instruir e contribuir essencialmente para uma educação para pensar. A sociedade necessita, e cada vez mais, de pessoas que amem o saber e, ao mesmo tempo, que saibam pensar, antes de mais pela cada vez maior complexidade do nosso mundo e, não menos importante, por incorporar na sociedade cidadãos que saibam pensar por elas próprios (...) (Dinis, 2011, p. 2).

Assumimos, assim, que os pressupostos educacionais oriundos da filosofia com crianças privilegiam, a interação, a comunicação, a participação, a tomada de decisão, a confrontação de ideias, o saber pensar e saber a conhecer, não esquecendo a interdependência, a colaboração e a iniciativa, quer individual, quer assumindo um compromisso conjunto.

3 Metodologia

A grande finalidade da investigação que aqui se apresenta consistiu em entender o contributo de filosofia com crianças em contexto de 1.º CEB; em particular, o alinhamento entre as competências desenvolvidas nesta área e as áreas de competências presentes no *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*.

Consideramos de extrema importância definir o contexto escolar a estudar, bem como os atores com quem é desejável desenvolver a presente investigação, a escolha e a seleção da metodologia e as técnicas de investigação para a recolha de informação. Saliente-se ainda que a investigação tem vindo a espelhar as mudanças existentes na sociedade “(...)

que obrigam os investigadores a procurar dentro da própria ciência perspectivas inovadoras que respondam com mais acuidade aos estudos de algumas situações problemáticas” (Santos, 2011, p. 12).

3.1 Contexto de investigação

A presente investigação foi realizada numa instituição de ensino particular, a funcionar desde 2001. Encontra-se situada na grande área metropolitana do Porto e está inserida num contexto com uma grande diversidade educativa, social, desportiva, cultural, económica e ambiental. O estabelecimento de ensino é formalmente reconhecido pela autarquia do concelho, bem como a nível nacional, devido à sua capacidade de gestão educativa, financeira e organizacional, em regime de autonomia pedagógica.

Teve na sua origem um projeto de educação distinto, apoiado na qualidade educativa, nos recursos humanos e nas estruturas físicas. Iniciou-se com uma população de três dezenas de alunos, distribuídos por Creche e Jardim de Infância, sendo que, mais tarde, completou-se com o Ensino Básico e Ensino Secundário. Atualmente, o seu projeto é alicerçado numa pedagogia ativa, com base no conhecimento científico, na dimensão humanista e na vivência democrática, onde os valores da cidadania, solidariedade, inovação e responsabilidade apresentam-se como pilares essenciais. As ofertas educativas, em contexto de 1.º CEB são variadas; de realçar, a Filosofia com crianças, que está devidamente articulada com as áreas de competências do *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, contribuindo assim para o crescimento e sucesso escolar de cada aluno.

3.2 Procedimentos

Tendo em conta a turma selecionada para a realização da investigação – 2.º ano de escolaridade (vinte e cinco alunos, onze do sexo feminino e catorze do sexo masculino), aplicou-se à docente de filosofia com crianças e à professora titular da turma, um inquérito por entrevista, antes do desenho da intervenção educativa, decorrente do estágio da prática de ensino supervisionada. Esta intervenção foi sustentada pelas teorias públicas, bem como o conhecimento experiencial, decorrente do estágio no âmbito da prática de ensino supervisionada.

Para além disto, foi organizado um grupo de discussão com os alunos - dois grupos constituídos, cada um, por cinco alunos. Importa referir que todos os momentos subjacentes à prática de ensino supervisionada foram essenciais para a observação direta e participante, quer dos alunos, quer da turma, para além das dinâmicas a serem implementadas.

Tornou-se assim crucial não só recolher o testemunho das professoras envolvidas para auxiliar na investigação, mas também dar voz e entender a opinião/perceção dos alunos.

4 Apresentação dos resultados preliminares de investigação

4.1 Das entrevistas aplicadas às docentes

A partir das respostas fornecidas pelas docentes nos inquéritos por entrevista, chegou-se à conclusão que ambas, apreciam e valorizam o contributo que a filosofia oferece aos alunos no 1.º CEB. Comprovam, quer com a teoria, quer com os exemplos práticos do dia a dia, que esta área desenvolve nos alunos, competências que já lhes pertencem, mas

que, naturalmente, necessitam de um desenvolvimento ao longo do tempo, sejam essas competências as estabelecidas pela filosofia ou as referidas no *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*, que acabam por estar relacionadas ou até mesmo iguais.

As docentes defendem também que a filosofia com crianças deve ser alvo de interdisciplinaridade com outras áreas, desde as diferentes metodologias que utiliza até aos diferentes recursos. As professoras acreditam que esta área enriquece as outras áreas existentes, sempre com a finalidade de desenvolver e preparar os alunos para o hoje e para o futuro que lhes espera. Destacam a comunicação, a resolução de problemas e a tomada de decisão por considerarem que se apresentam como as competências transversais com maior relevo e impacto no processo de aprendizagem neste contexto.

É ainda de realçar o poder que a filosofia tem, segundo as docentes, de potenciar a integração de todos os alunos numa dinâmica inclusiva para todos e entre todos, visto que exercitam a capacidade de escuta ativa, de compreensão colaborativa e respeito pela diversidade de opiniões.

4.2 Do *focus* de discussão com os alunos

Relativamente aos grupos de discussão, os alunos entendem a filosofia como algo de fundamental no seu crescimento. Os alunos salientam os variados recursos utilizados nestas aulas, porque são “atraentes” e “cativam a atenção”. O recurso à bola de peluche e a visualização de vídeos foram referidos sistematicamente pelos participantes: “os vídeos, transmitem mensagens importantes e de certo modo ensinam algo de importante”; “a bola de peluche auxilia a turma, organiza-nos (...) cada aluno sabe quando pode falar”. Globalmente, os alunos consideram que a filosofia ensina a tomar decisões, melhora a comunicação e a capacidade em trabalharem em grupo. Tais aprendizagens podem ser colocadas em prática em outras áreas do saber. Como refere um dos participantes; “afinal, o conhecimento é só um... o berço do conhecimento até reside na filosofia”.

De realçar a importância atribuída à oportunidade de partilhar sua opinião: “gostamos de escutar-nos, mas precisamos de cultivar esta arte”; “estamos a aprender a escutar a opinião de quem nos rodeia e a respeitar a mesma, bem como falar na sua vez”; “precisamos de construir em conjunto e estamos a desenvolver isso na filosofia”.

4.3 Da análise documental

A partir dos pressupostos dos documentos norteadores da instituição – Projeto Educativo, Plano Curricular da Instituição e Projeto de Flexibilidade Curricular –, verifica-se um investimento acrescido nas áreas de competências transversais, bem como no processo de monitorização/avaliação do serviço educativo prestado. Há uma preocupação constante em desenvolver propostas educativas centradas num aluno mais conhecedor, mais culto, mais informado/formado, mais criativo, mais crítico, mais investigador, mais respeitador da diferença, mais autor, mais autónomo, mais capaz de tomar decisões e mais organizador, tendo em conta a avaliação realizada pelas docentes titulares e equipa pedagógica.

O ato de educar é aqui entendido e praticado como um ato de despertar consciências para a liberdade e para a responsabilidade, sendo esta a capacidade de responder aos desafios, na medida em que somos capazes de responder aos outros e, ao mesmo tempo, “criar uma visão do mundo que implica que também o podemos recriar segundo uma perspetiva diferente mudando a nossa situação” (Robinson & Aronica, 2011, p. 85). Trata-se,

essencialmente, de educar para os tempos complexos e de incertezas, onde os olhares múltiplos ajudarão, certamente, a ver cada aluno como um ser único e com a necessidade de uma educação personalizada.

5 Considerações finais

Globalmente, os currículos dos países membros da OCDE integram a promoção competências de criatividade e pensamento crítico como objetivos de aprendizagem. A ação educativa no desenvolvimento do pensamento crítico – saber pensar - é também cada vez mais reconhecido por todos os sistemas de ensino, porque há a crença de que as escolas devem ajudar os alunos a pensar de modo independente em vez de apenas transmitir conhecimento. No entanto, muitas vezes, o significado e as implicações do desenvolvimento das competências de criatividade, flexibilidade, comunicação, tomada de decisões e pensamento crítico não são evidentes para os professores na sua prática pedagógica. Mais do que uma questão de resistência às mudanças ou cansaço de mudanças constantes, a não implementação de propostas que promovam essas competências decorre da falta de “objetividade” sobre o que esses conceitos realmente significam e como se traduzem nas práticas de ensino e de aprendizagem, para além da avaliação para as aprendizagens.

Se considerarmos, tal como Cohen e Fradique (2018), que a escola atual tem agora novos desafios, tais como o de

capacitar as crianças e os jovens com conhecimentos, capacidades, atitudes e valores”, num cenário de imprevisibilidade, visto que a escola prepara para “empregos que ainda não foram criados, para tecnologias que não foram ainda inventadas, para resolver problemas que ainda não foram antecipados (p. 10),

consideramos que a instituição investigada apresenta um modo pedagógico que se revela mais ajustada à realidade, sobretudo à forma como os alunos aprendem.

Dos dados de investigação recolhidos é, em nosso entender, evidente a associação positiva entre este tipo de competências (transversais e essenciais), a intencionalidade educativa da Filosofia com Crianças e percepção dos docentes e dos alunos sobre os seus efeitos no processo de aprendizagem.

A comunicação, a resolução de problemas e a tomada de decisão são, sem dúvida, as competências transversais com maior relevo e impacto no processo de aprendizagem no contexto que serviu a nossa investigação. Por isso, a Filosofia com Crianças desenvolve competências que dão “a oportunidade de os professores e os alunos, juntos, pensarem autonomamente sobre as suas vidas e práticas, (...) ampliando o universo cultural, através do diálogo investigativo” (Azevedo & Gonçalves, 2006, p. 106). Deste modo, constata-se que a filosofia aplica o seu propósito na prática - desperta o espírito crítico e criativo; promove o debate e o raciocínio; aumenta o leque social e cultural dos alunos; proporciona a participação frequente de todos os participantes; incentiva e estimula os próprios alunos.

Importa ainda salientar que, através da percepção dos docentes e dos alunos sobre o processo de aprendizagem, confirma-se que a Filosofia oferece os instrumentos necessários para que, a partir do que já foi previamente desenvolvido, os alunos consigam descobrir novos conhecimentos, desenvolver as competências que lhes permitem ser

criativos, encarar positivamente novos desafios, encadear as informações e retirar as suas próprias conclusões.

6 Referências

- Azevedo, C., & Gonçalves, D. (2006). O valor e a utilidade da filosofia para crianças. *Saber Educar, 4*, 103-111.
- Cohen, A. C., & Fradique, J. (2018). *Guia da autonomia e flexibilidade curricular*. Lisboa: Raiz Editora.
- Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho. Diário da República n.º 129 - I Série. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência.
- Dinis, C. (2011). *O que é a filosofia para crianças: Programa de Matthew Lipman*. Dissertação de mestrado, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal. Disponível em https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/1319/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Carlo_s%20Dinis.pdf
- Direção-Geral da Educação. (2019). *DGE*. Disponível em <https://www.dge.mec.pt/>.
- Gonçalves, D., & Moura, G. (2014). *Promoção do pensamento crítico no contexto do 1.º ciclo do ensino básico*. In C. Machado, I. Sá-Chaves, C. Tenreiro-Vieira, & R. Vieira (Eds.), *Pensamento Crítico na Educação: Perspetivas Atuais no Panorama Internacional*. Aveiro: UA Editora.
- Guedes, A., & Rego, M. (2012). Filosofia para crianças no contexto educativo português. Subsídios para uma proposta. *Revista Ibero-americana de Educação, 58*(3), 1-12.
- Lima, D. (2004). *Filosofia para crianças: uma abordagem crítica dentro da filosofia da educação*. Dissertação de mestrado, Universidade do Minho, Braga, Portugal. Disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/4925?locale=fr>
- Lourenço, M., & Mendonça, D. (2011). *Brincar a pensar? Manual de filosofia para crianças*. Lisboa: Plátano Editora.
- Oliveira Martins, G. (Coord). (2017). *Perfil dos alunos para o século XXI. Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Robinson, K., & Aronica, L. (2011). *O elemento*. Porto: Porto Editora.
- Santos, M. (2011). *A escola não tem nada a ver*. Rio Tinto: Lugar da Palavra Editora.
- Vieira, C. (2000). *O pensamento crítico na educação científica*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Vieira, C., & Vieira, R. (2015). Práticas didático-pedagógicas de ciências: estratégias de ensino/aprendizagem promotoras do pensamento crítico. *Saber & Educar, 20*, 34-41.
- Xavier, L. (2015). *Para além da didática: desafios da escola e do professor do século XXI*. Coimbra: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra.